

PROVA ORAL – LEITURA EXPRESSIVA

Ensino Secundário

Excerto 2

FERREIRA DE CASTRO

EMIGRANTES

ROMANCE

15.ª EDIÇÃO

GUIMARÃES EDITORES

PRIMEIRA PARTE - Capítulo XII - pág. 180

Meu querido Manuel:

Recebi a tua carta e desejo que estejas de perfeita saúde que eu vou indo como Deus é servido.

Fiquei muito satisfeita por mandares dizer que te tens dado bem aí e que daqui a poucos anos voltas para Portugal. É a minha única consolação, pois tenho tido muitas ralações. A nossa Deolinda, que andava doida pelo Afonso, fugiu para casa dele.

- O quê? O quê, Senhor Bernardo? – interrompeu Manuel da Bouça, num sobressalto. – Diga outra vez!

O outro voltou a ler o período:

A nossa Deolinda, que andava doida pelo Afonso, fugiu para casa dele.

Bernardo deteve-se, em expectativa, mas logo Manuel da Bouça lhe pediu, sufocadamente:

O resto! O resto!

Tem sido a minha vergonha, pois ela diz que faz o que fez porque nós não a deixávamos casar. Eu não me afligia tanto se não fosse o desgosto que isto te dá, porque ela não passa mal. Tenho chorado lágrimas de sangue e já pensei em meter-me num navio e ir ter contigo.

- Cadela! – rugiu Manuel da Bouça. – E eu que só pensava em arranjar-lhe um dote, para que ela pudesse casar com alguém que fosse mais... que fosse mais do que nós! Eu a trabalhar, a trabalhar, a chorar todos os vinténs, para afinal!... Que não foi por mim que eu vim para o Brasil. Para comer sempre ia arranjando e em farturas só pensei quando a vi rapariga...

Consolador, Bernardo interveio:

- Eu não sei da sua vida, sinhô Manuel, mas mi parece que sempre seria pió si a sua filha morresse. Mágoas todos os filhos dão aos pais. Quem tem filhos tem cadilhos...

Manuel da Bouça soergueu a cabeça:

- Que mais diz a carta?

Consta que eles se casam para o Natal, que é para terem tempo de saber se tu dás ou não o teu consentimento.

- Vê? – acrescentou Bernardo. – Podia sê pió!

E prosseguiu:

Escreve-me, Manuel, que eu trago o coração negro como a noite. Lembranças da tia Joaquina, da Zefa, e...

- Nunca! – rompeu Manuel da Bouça. – Que se case, que faça o que quiser, que eu já não a considero minha filha! Mas que eu dê o consentimento – isso nunca!